

Mística ao pé da árvore: elementos teopoéticos no *Canto dos escravizados* de Paulina Chiziane *Mystique under the trees: theopoetical elements in the Song of the slaves* by Paulina Chiziane

GUSTAVO FERREIRA DOS SANTOS*

CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI**

Abstract

“Write yourself, Africa. Your history is a sealed chest awaiting your work. Look at yourself in the mirror of heaven, in the mirror of God. Picture yourself. Write yourself in true golden letters in the book of life” (Write yourself). Nominated in 2005 for the Nobel Peace Prize, Mozambican Paulina Chiziane is the first woman to have a novel published in her country, and in her work she articulates an appeal for an Africa free from the colonialisms that still figure in its social, political, economic and even cultural structures. Her work can give not only a voice but a spirit to the claim for freedom of her people. In her first and recent poetry work *The song of the slaves* (2018), Chiziane calls on her people to unite their voices for a life that reveres the sacred experience of their culture, without the interferences and vilifications caused by the mystical and

Texto escrito em português de acordo com a norma brasileira.

* Bacharel em Filosofia e graduando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq; <http://lattes.cnpq.br/39333369141213244>; gustavo.fs7@puccampinas.edu.br.

** Cientista da Religião, teóloga e professora na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião; <https://orcid.org/0000-0002-2948-5705>; cecibm@puc-campinas.edu.br.

theological conceptions from European colonization. In dialogue with the concept of “an open-eyes mysticism” by Johann Baptist Metz, under the methodology of structural analogy, this article seeks to explore and demonstrate in Chiziane’s work, the African theopoetic richness from the most adequate and most neglected perspective throughout history, that is, the voice of the children of Africa.

Keywords: Paulina Chiziane; Theopoetics; Mystique; Africa; Decoloniality.

Resumo

«Escreve-te África. A tua História é um baú lacrado aguardando teu labor. Mira-te no espelho do céu, no espelho de Deus. Retrata-te. Escreve-te com verdadeiras letras de ouro no livro da vida» (Escreve-te). Indicada em 2005 ao Prêmio Nobel da Paz, a moçambicana Paulina Chiziane é a primeira mulher a ter um romance publicado em seu país, e articula em sua produção um apelo por uma África livre dos colonialismos que ainda hoje figuram em suas estruturas sociais, políticas, econômicas e mesmo culturais. Sua obra é capaz de conferir não apenas voz, mas espírito ao clamor por liberdade de seu povo. Em sua primeira e recente obra de poesias, *O canto dos escravizados* (2018), Chiziane conclama seu povo a unir suas vozes para uma vida que reverencie a experiência sagrada de sua cultura, sem as interferências e vilipêndios causados pelas concepções mística e teológica oriundas da colonização europeia. Em diálogo com o conceito de «mística de olhos abertos» de Johann Baptist Metz, sob a metodologia de analogia estrutural, este artigo busca explorar e demonstrar na obra de Chiziane a riqueza teopoética africana a partir da ótica mais adequada e a mais negligenciada ao longo da história, isto é, a dos filhos da África.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; Teopoética; Mística; África; Decolonialismo.

Introdução

Para uma efetiva compreensão da proposta deste artigo, deve-se inicialmente considerar a premissa de que o ser humano participa da realidade divina em sua condição criatural, ou seja, ainda que limitado e encerrado nos limites da realidade espaço-temporal, homem e mulher são capazes de Deus. Contudo, essa capacidade não deve se restringir à interioridade mas, para que alcance a plenitude, a relação entre Criador e criatura deve incluir o outro e o mundo. Daí a importância de ser comunicada em múltiplas formas de expressão.

É nesse sentido da integração entre a historicidade do sujeito e sua experiência espiritual que se torna possível afirmar que toda a realidade na qual se insere o sujeito participa da construção da sua identidade de fé, evidenciando que «toda produção sociocultural ocorre como esforço de organização da vida inseparável do esforço de simbolização da mesma»¹.

Seguindo esses pressupostos, pode-se afirmar que a Modernidade ofereceu condições suficientes para o desenvolvimento do que o teólogo alemão Johann Baptist Metz chamou de «mística de olhos abertos»², ou seja, a maneira pela qual o sujeito hodierno consciente das contradições da sociedade e da história lança um olhar crítico e confiante na força transformadora da fé.

Nesse sentido, esta reflexão lança seu recorte e seus esforços no contexto da produção poética-literária de Paulina Chiziane, autora moçambicana formada no bojo de uma África que ainda hoje ecoa os efeitos enraizados pelo sistema colonialista e escravocrata que assolou o continente nos dois últimos séculos.

Nascida em 1955 em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique, Paulina Chiziane foi considerada uma autora provocativa por ter desafiado as críticas e resistências culturais e sociais do seu país. Sendo a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Chiziane está no universo dos escritores africanos contemporâneos que privilegiam as

¹ João Décio Passos, *Teologia e outros saberes: uma introdução ao pensamento teológico*, 3.^a ed. (São Paulo: Paulinas, 2015), 70.

² Johann Baptist Metz, *Mística de olhos abertos* (São Paulo: Paulus, 2013).

narrativas legadas pela rica tradição oral de suas culturas. Sua escrita é permeada por uma eloquente crítica às marcas ainda vigentes da recente dominação europeia, inclusive com um rígido discurso dirigido também aos seus compatriotas que ainda nos dias de hoje submetem-se ideologicamente à colonização.

Desta forma, a obra de Chiziane colabora para uma formação identitária de seu país, uma vez que sua literatura traz à luz uma série de realidades da cultura africana que só alcançam sua plena significação quando apresentadas por seus legítimos especialistas: os filhos da África. Já na maturidade de sua produção, após uma série de romances reconhecidos e até mesmo premiados internacionalmente, Chiziane lançou em 2018 sua primeira obra poética, sob o título de *O canto dos escravizados*, dando voz aos sentimentos mais profundos de seu povo e sua terra.

Ainda que seu ponto de partida não seja a elaboração de uma obra teológica, Paulina Chiziane permeia seus poemas com um aguçado teor místico, dedicando inclusive todo um capítulo à espiritualidade, intitulado «Transcendência». Em toda coletânea, mas particularmente nesta secção, a África ganha não apenas uma voz, mas um verdadeiro espírito que clama pela vida, justiça e liberdade plena de seus filhos.

É digno de nota o fato de que as publicações acerca da obra de Chiziane, além de escassas, estão todas vinculadas ao contexto de análise e/ou diálogo estritamente literário. Apenas em Moçambique, sua terra natal, há em curso uma pesquisa que compreenda na obra de Paulina Chiziane um aspecto teológico³. Por esta razão, este artigo ocupa um espaço de certo ineditismo até ao momento, no que tange a um olhar metodologicamente acurado do valor místico-teológico presente na obra da autora.

Será, pois, desenvolvida aqui uma exploração de obras selecionadas de Chiziane, especialmente de sua composição poética supracitada, como fonte privilegiada da apreciação e aprofundamento acerca do patrimônio

³ Ester Lucas, *Teologia e literatura moçambicana: hermenêutica teológica da obra de Paulina Chiziane*. 2017. (Diss. doutoramento em Humanidades, Universidade Católica de Moçambique. Orientador: Alex Vicentim Villas Boas.)

cultural e espiritual da cultura africana. Esta leitura busca criar condições de destacar na obra de Chiziane seu caráter teopoético, de forma a garantir seu valor e relevância enquanto leitura mística no contexto da contemporaneidade.

Para que este objeto de reflexão possa ser efetivamente explorado, o itinerário metodológico está orientado pela concepção de que a teopoética situa-se como uma singular intersecção entre teologia e literatura, o que exige um aparato interdisciplinar para uma análise coerente e capaz de abarcar a investigação aqui proposta. A relação entre estas duas ciências tem se verificado cada vez mais estreita e fecunda, de forma que Pie Duployé chega a afirmar que «na medida em que uma teologia concede à imagem, ela tende a se tornar ela própria uma literatura. A relação que uma teologia mantém com a imagem é exatamente, então, aquela que ela mantém com a literatura»⁴.

Nesse sentido, tomando a «literatura como “lugar teológico”»⁵ por excelência, a leitura da obra de Paulina Chiziane foi organizada da seguinte forma: como fonte primária, tomou-se sua obra poética *O canto dos escravizados*. Dos 108 poemas que compõem a coletânea, foi recortada uma quantidade reduzida e limitada de trechos a serem analisados, com especial destaque aos livros III e IV da obra, intitulados «Canto de resistência» e «Transcendência», respectivamente. Em um segundo momento, a pesquisa se apoiou em fontes secundárias, constituídas por ao menos mais uma obra da autora, como maneira de imersão em seu contexto e estilo literários, além da obra *Mística de olhos abertos*, de Johann Baptist Metz, como subsídio conceitual.

Esta aproximação da obra poética de Chiziane sob o prisma da Teologia sustenta-se na concepção metodológica de analogia estrutural proposta por Karl-Josef Kuschel. Segundo ele

⁴ Apud José Carlos Barcellos, «Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo,» *Numen*, vol. 3, n.º 2 (2000): 9-30.

⁵ Marie-Dominique Chenu, «La littérature comme “lieu” de la théologie,» *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, n.º 53 (1969): 70-80.

Com esse método, torna-se possível considerar seriamente também a experiência e a interpretação literária em suas *correspondências* com a interpretação (cristã) da realidade, mesmo quando a literatura não tem caráter cristão ou eclesiástico. E buscar correspondências não significa «cooptar» o objeto analisado, apropriar-se dele. Pensar em termos de analogias estruturais significa justamente evitar que a interpretação literária da realidade seja cooptada como cristã, semicristã ou anonimamente cristã. Quem pensa estrutural-analogicamente é capaz de encontrar correspondências entre o que lhe é próprio e o que lhe é *estranho*. Quem pensa segundo esse método constata também o que é contraditório nas obras literárias em relação à interpretação cristã da realidade, ou seja, o que é estranho à experiência cristã de Deus.⁶

Desta forma, reconhecendo previamente que as intenções e objetivos de Paulina Chiziane ao elaborar seus poemas não são direta e nomeadamente teológicos, a leitura interdisciplinar ao modo de analogia estrutural com a obra de Metz permitiu a análise da obra de Chiziane em vista da verificação da categoria teopoética.

1. Metz e Chiziane: olhar místico da realidade a partir da herança cultural africana

Do seio da África, Paulina Chiziane é uma figura que marca nosso tempo com um autêntico grito pela liberdade prática e efetiva de um continente ainda hoje marcado por tantas formas de colonialismo. Mais do que uma abordagem sistêmica de cunho decolonial, os escritos de Chiziane são um verdadeiro conchamar ao povo africano por uma ressignificação da própria identidade, um hino à dignidade outrora roubada pelas mãos dos exploradores.

⁶ Karl-Josef Kuschel, *Os escritores e as Escrituras. Retratos teológico-literários* (São Paulo: Ed. Loyola, 1999), 222.

Na obra base deste artigo, *O canto dos escravizados*, Paulina Chiziane abre seu trabalho com uma seleção de poemas em forma de um testamento de um escravizado, sendo precisamente este o título do primeiro capítulo. No jogo semântico com que estabelece essa relação paradoxal entre a categoria *escravo* e a ideia de uma *herança* testamentada, a autora explicita já de início a empreitada sobre que se debruçará ao longo da obra: existe no histórico sofrimento africano causado pela escravidão uma força capaz de impulsionar uma mística da liberdade diante das novas opressões. A título de exemplo, destaca-se o que elabora Chiziane no terceiro poema, intitulado «Deixo-te uma pátria livre do colonialismo»:

Escuta o grito de todos os seus ancestrais:
Amamos-te muito antes de nasceres, ó África de hoje
Por ti renovamos a esperança mesmo depois de mortos
Envolvemo-nos em batalhas, quebramos correntes
Para te deixarmos uma pátria livre como herança

Ao sol os novos invasores vestirão a mais fina pele de cordeiro
Lobos que são, uivarão nas alcateias em todas as noites de lua
Piratas destemidos, tentarão derrubar até o marulhar das ondas
E quererão substituir Deus na criação de África

Os invasores em fuga deixam línguas, armas e saberes
Usa-os na construção da união e fortaleza, ó nova África
Devolve ao teu povo a história e a dignidade usurpadas
Porque o futuro, esse espaço intangível, ideal, perfeito
Espera por ti esse gesto de nobreza

Segura as estrelas que te roubam das mãos
Coloca o arco-íris no centro da tua mente.
Sustenta a esperança acima de todas as coisas

Tu não estás só, estás com Deus e com a memória
Dos teus antepassados e dos mártires de África.⁷

É precisamente com essa construção poética que Chiziane acaba por ilustrar aquilo que será a tônica de sua literatura: à África urge viver seu êxodo identitário, deixando as amarras da escravidão do passado e do presente, em direção à reconstrução da dignidade e da nobreza que lhe é devida. Ainda que jamais tenha se autoproclamado teólogo e tampouco espere reconhecimento como tal, Paulina Chiziane demonstra em poucas linhas como sua poesia está encharcada de uma experiência mística e de um olhar ascendente da história de seu povo. Para que isto seja verdade, é imprescindível que sua poesia seja lida sob as lentes de uma teologia capaz de renunciar a uma ortodoxia conceitual europeia que, por vezes, anestesia a sensibilidade ao transcendente que emana das vicissitudes da existência humana. É precisamente neste ponto que Metz ganha sua relevância nesta pesquisa.

Notadamente um dos maiores teólogos do século xx, Metz desponta com sua abordagem de uma teologia política. Esse conceito, contrariamente ao que possa parecer em uma análise apressada, não implica a opção por alguma ideologia ou partidarismo, mas estabelece um compromisso com o bem-comum e com a construção de um agir teológico, isto é, uma prática efetiva capaz de coadunar os interesses sociais com a liberdade individual, de forma a promover a fraternidade humana.

É nesse sentido que é valiosíssima a colaboração de Metz no tocante à liberdade religiosa, tão referida no discurso de tantos líderes políticos e religiosos, mas tão negligenciada em práticas excludentes e absortas em nichos conceituais que condenam tudo quanto pareça diferente à profissão de fé de seus interlocutores. Nessa direção, questiona Metz, acerca da ótica cristã:

⁷ Paulina Chiziane, *O canto dos escravizados* (Belo Horizonte: Nandyala, 2018), 20.

Mas será que nós cristãos não temos cada vez mais preocupações com nosso perfil? Não só no âmbito dos mundos religiosos, portanto no sentido da liberdade positiva da religião, como também diante de um mundo estritamente secular, portanto no sentido da liberdade negativa da religião? A liberdade de religião no sentido positivo só poderá ser implantada no mundo inteiro quando as religiões deixarem de lutar por essa liberdade e reivindicá-la apenas para si mesmas, e quando cada uma das religiões defender e aceitar essa liberdade para outras religiões também.⁸

A partir da defesa desta abertura à liberdade religiosa é que Metz constrói um conceito de fé que nunca fique estagnado como uma experiência privada, com vistas a uma salvação individual. De fato, Jesus nunca ficou à margem da história, quer da humanidade quer dos indivíduos em suas singularidades. Foi rompendo os paradigmas do poder político e religioso que Jesus conseguiu dignificar a vida dos que se encontraram com Ele e, paradoxalmente, colocar a sua própria segurança em xeque.

Prevedendo e antecipando-se a qualquer tentativa de manipulação de seu conceito, Metz deixa claro que a teologia política nunca deve ser tomada como um programa político, mas como uma atitude crítica e dialética. Sua meta não é instaurar uma ordem social determinada, capitalista ou socialista, mas atuar «como um estímulo à liberdade criativa do homem»⁹. Daqui nasce também uma teologia da vítima, isto é, um olhar para a ação de Deus na história a partir da ótica daqueles que foram negligenciados por ela. O escravo, a mulher, o pobre, o estrangeiro, o órfão, o negro historicamente foram e ainda são potenciais *locus theologicus*, onde a experiência de Deus passa propriamente pela experiência cultural e histórica do sofredor. É nesse sentido que religião e cultura se

⁸ Metz, *Mística de olhos abertos*, 45.

⁹ Metz, *Mística de olhos abertos*, 49.

interpelam e colaboram mutuamente, para a revelação de Deus no rosto das vítimas:

Certamente, a reação contra a amnésia cultural nas imagens humanas contemporâneas não encontra apenas um suporte na religião. Também encontra o apoio de uma literatura que ensina a enxergar o cenário histórico com os olhos das suas vítimas e, no geral, o apoio de uma arte que, de certo modo, concretiza-se como forma de concepção da memória do sofrimento humano e chama à memória do olhar as situações de sofrimento e de culpa, algo que, de certa maneira, a proposta de objetividade da historiografia científica não consegue fazer. [...] Neles podemos adivinhar - com os olhos abertos - a história dos seres humanos como uma história da paixão, já referida pela religião.¹⁰

É no horizonte de uma «linguagem do grito» que Metz¹¹ reconhece no sofrimento humano também o sofrimento de Deus, que no clamor dos homens marcados pelas feridas da história se torna possível experimentar uma consoladora mística do sofrimento em Deus. Novamente Paulina Chiziane ilustra, em sua poesia, esta intitulada «Aqui estamos», aquilo que Metz indicara em sua elaboração conceitual:

Ensina, África, ao mundo inteiro
Que Deus existe pelo milagre da tua sobrevivência
Somos milhões de filhos de escravizados pelo mundo
Separados, nós erguemos num só grito:
Aqui estamos para lutar e vencer
E construir, a cantar, uma África de liberdade!¹²

¹⁰ Metz, *Mística de olhos abertos*, 49.

¹¹ Metz, *Mística de olhos abertos*, 101.

¹² Paulina Chiziane, *Vozes e rostos femininos de Moçambique*, org. Maria Geralda de Miranda e Carmen Lucia Tindó Secco (Curitiba: Editora Appris, 2013), 57.

Nota-se, então, que não são poucas as intersecções possíveis entre a perspectiva mística de um teólogo alemão e a herança histórico-cultural poetizada por uma mulher moçambicana, desde que considerados os corretos mecanismos de aproximação. Para esta pesquisa, esse caminho privilegiado de diálogo foi precisamente a teopoética, lugar favorável e capaz de revelar o valor místico-teológico presente nas mais diversas inspirações da experiência humana.

2. Poesia e libertação: notas do cotidiano como experiência mística em *O canto dos escravizados*

A poesia de Paulina Chiziane obriga seu leitor a um mergulho não apenas no contexto histórico-cultural de uma África marcada pela opressão colonial, mas exige que ele se incline à sua própria consciência histórico-social. Para tanto, a poesia de Chiziane está permeada pelo espírito característico da experiência popular de Deus, capaz de exprimir sua identidade cultural e reivindicar o lugar que lhe é devido em meio à dominação. De acordo com Villas Boas, as expressões da religiosidade popular «ainda que dominada e subjugada por outras, apresentam sua visão e compreensão de mundo e de humanidade, sua proposta de um jeito de viver a vida que é próprio da gente simples, e que talvez, por isso, não interesse nem possam ser aceitas pelos dominadores. Caso contrário, cessaria a dominação»¹³.

Nesse sentido, alguns excertos de *O canto dos escravizados* ilustram a maneira como Chiziane conclama o leitor a uma consciência histórica do processo colonizador que desfigurou a espiritualidade africana, com a imposição do olhar religioso de seus colonizadores. No poema «Amor e Ódio», lê-se:

Mas que espécie de gente é esta, que celebra
O massacre e a sangria dos seus semelhantes?

¹³ Cf. Alex Villas Boas e Antonio Manzatto, «Sabedoria popular: literatura e religiosidade,» *Teoliterária*, vol. 7, n.º 13 (2017): 7, disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/33537/23237> (acessado em 05.05.2021).

Como conseguem eles se alegrar, festejar, sorrir
Perante o desespero e sal das nossas lágrimas?
[...]
Agora que a escravatura acabou, minha África
Repousa e medita na sombra da árvore sagrada
Por que todos te odeiam, te matam e te saqueiam?
Por que te desprezam e sempre te procuram?

Só se cobiça o que tem valor e brilho
Só se inveja aquilo que não se tem
Só se procura o que se deseja
E só se mata a quem se teme¹⁴

Em outro poema, o já supracitado «Aqui estamos», Paulina Chiziane entrelaça com espetacular sensibilidade as marcas deixadas pelo passado escravagista como uma autêntica forma de reconhecer a ação de Deus na história da África:

A nossa existência torna mais sólida a nossa crença:
Deus existe! Sem Ele, sucumbiríamos nas mãos dos negreiros
Nem a fome e nem a dor exterminaram a nossa raça
E resistimos à tortura e à morte com força de diamante¹⁵

A exclamação «Deus existe!» é sustentada por Chiziane numa lógica da sobrevivência de um povo mesmo diante das investidas históricas que sofreram contra sua dignidade e identidade cultural. A experiência mística se dá nos enlevos das marcas históricas, em uma clara demonstração da intersecção entre teologia e literatura, lida por um olhar sensível o suficiente para fazer, da memória cultural de um povo, a via de acesso à revelação de Deus. Nesse sentido é que Metz adverte: «a memória do

¹⁴ Chiziane, *O canto dos escravizados*, 54-55.

¹⁵ Chiziane, *O canto dos escravizados*, 57.

sofrimento acumulado nas religiões da humanidade não pode ser ignorada, se não quisermos que os processos atuais da globalização produzam um nivelamento cultural e moral»¹⁶.

O reconhecimento do valor que repousa nas expressões da religiosidade popular depende de uma clara compreensão de que a experiência mística não está encerrada nos esquemas eruditos e formais da vida religiosa, como também Deus não o está. Assim afirmam Villas Boas e Manzatto:

Pensar a contemplação do amor – assim como a do mistério – sob uma única forma de realização é empobrecê-lo. Na vida humana como na literatura, existem múltiplas formas de vivenciar o amor e de a ele se referir, e isso torna ainda mais belo, se é possível, esta experiência humana plena de sentido.¹⁷

Apenas assumido isto como premissa é que se pode fazer uma leitura oportuna de outro excerto de Chiziane, em que suas palavras são uma verdadeira ebulição da experiência popular de um Deus que marca e significa a história de um povo de tantas formas subjugado:

Reza, África, onde quer que estejas
Comunga com a natureza toda a sua energia
Mesmo sem intercepção de profetas, cria
A tua oração chegará ao coração do alto

Reza África para que a escravatura não volte
E o colonialismo não se renove
Para que na mesa haja mais pão
E no coração magoado haja sempre perdão

¹⁶ Metz, *Mística de olhos abertos*, 45.

¹⁷ Alex Villas Boas e Antonio Manzatto, «O Mistério que se faz Literatura,» *Teoliterária*, vol. 6, n.º 12 (2016): 6, disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/viewFile/30801/21362> (acessado em 05.05.2021).

Reza na sombra da árvore sagrada
Que ela transportará a tua oração à suprema dimensão
Com a raiz ela comunicará com o teu passado
No fundo da terra onde dormem os ancestrais
Com o tronco e a sombra comunicará com o presente
E com todo o mundo que te rodeia
Com os seus ramos sempre erguidos para o alto
Levará a tua oração ao transcendente
[...]
Reza antes de cavar a terra para construir a tua moradia
Com o aval dos céus erguerá um edifício seguro, abençoado
Reza antes de semear que a terra te dará toda a fertilidade
Reza para a terra porque ela te cobrirá de paz na morada final

Reza e chama a energia das pedras no alto do monte
Para amparar os teus passos na marcha pela liberdade
Só as pedras conhecem o segredo das nascentes de água pura
Elas elevar-te-ão ao alto, onde os profetas se iluminaram
[...]

Reza, África, ao vento, à chuva, ao ar livre
Limpa as toxinas do corpo com a benta água dos céus
O vento levará a tua oração ao ponto mais alto do infinito
E Deus responder-te-á com voz de trovoadas:
*Amo-te, filha minha!*¹⁸

Este longo poema, dividido em nove partes, de alguma forma sintetiza a expressão da mística de olhos abertos de Paulina Chiziane. Recorrendo aos elementos mais fundamentais e basilares da vida cotidiana do africano, a autora dá ao movimento próprio da existência humana as notas da experiência mística, de forma a demonstrar que, como garantem Villas Boas e Manzatto, «o Mistério nos ultrapassa, não no sentido de

¹⁸ Chiziane, *O canto dos escravizados*, 84-86.

diminuir ou de aniquilar o humano, mas como indicativo de que se pode ir além, ultrapassar barreiras e colocar-se em perspectiva de significação para além do real sensível e penetrar nos recônditos do Absoluto»¹⁹.

Assim, a leitura de Chiziane em sua inédita obra poética demonstra como a literatura é capaz de conjecturar amplamente os elementos histórico-culturais com uma teologia que emana da facticidade, das experiências mais ulteriores da vida humana. É nesse sentido que *O canto dos escravizados* acaba por indicar como «o Mistério, no mais das vezes, para ser captado e expresso pelo humano – não de maneira descritiva ou definitiva, mas como referência – se mostra presente em histórias que o mencionam de forma simbólica»²⁰.

3. Correntes ao chão: a mística de esperança no clamor decolonial de Chiziane

A compreensão da obra de Paulina Chiziane como uma construção teopoética não pode se dar prescindindo de outra característica de seu ADN: trata-se ainda de um autêntico manifesto decolonial. Do começo ao fim, sua coletânea de mais de uma centena de poemas é um brado por uma África que deve empenhar-se por uma libertação ideológica, filosófica e teológica da dominação colonizadora: «Lutar pela liberdade é desconstruir mentiras / Consagradas como verdades nas bibliotecas do mundo»²¹.

Na compreensão de Mignolo, decolonial «significa pensar a partir da exterioridade e em posição epistêmica subalterna *vis-à-vis* à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade»²². De fato, a empresa decolonial está firmada em uma reorganização epistêmica e metodológica que ultrapasse as categorias ocidentais dominadoras.

¹⁹ Villas Boas e Manzatto, «O Mistério que se faz Literatura», 6.

²⁰ Villas Boas e Manzatto, «O Mistério que se faz Literatura», 7.

²¹ Chiziane, *O canto dos escravizados*, 115.

²² Apud Carlos Aberto Motta Cunha, «Teologia decolonial e epistemologias do sul,» *Interações*, vol. 13, n.º 24 (2018): 309, disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2018v13n24p306-333>

Aqui, a discussão a que se propõe este artigo encontra seu ponto axial: a produção poética de Chiziane não apenas se comprova como uma experiência mística de olhos abertos, no conceito de Metz, como também assinala uma teopoética da libertação, orientada por uma clara investida decolonial. Em seu célebre livro *Libertação da teologia*, Juan Luis Segundo indicava já na década de 1970 a urgência da libertação da teologia das amarras colonizadoras, o que só seria possível quando a teologia se submetesse ao exercício libertador das suas ideias e promovesse uma reavaliação metodológica. Trata-se de colocar as bases da teologia cristã diante das demandas plurais da contemporaneidade e exigir dela uma urgente contextualização. Para isso, Segundo supõe um método que parte da suspeita ideológica e chega a uma nova hermenêutica, indicando que uma teologia liberta e capaz de libertar passa pela «suspeita sistemática de que tanto a teologia vivida, como sua expressão acadêmica, tem sido desviada para finalidades massivas, com sua correspondente distorção de conteúdos»²³.

O que está em jogo, no horizonte de Segundo, é, portanto, uma questão metodológica. Para ele, «o único que pode manter indefinidamente o caráter libertador de uma teologia, não é seu conteúdo, mas o seu método»²⁴. É precisamente neste ponto que a teopoética de Chiziane encontra sua efetiva qualificação como uma teologia libertadora, capaz de uma intelecção da fé histórica, relida pela lente decolonial.

Assim sendo, é preciso ater-se ao pertinente questionamento de Metz:

Não existe apenas uma história superficial da espécie humana, mas também uma história profunda, amplamente vulnerável. Será que, atrás do escudo da amnésia cultural, a «força normativa do factual» não estaria desagregando a confiança civilizatória primordial, aquelas reservas morais e culturais nas quais se fundamenta a humanidade dos seres humanos?²⁵

²³ Juan Luis Segundo, *Libertação da teologia* (São Paulo: Ed. Loyola, 1978), 252.

²⁴ Segundo, *Libertação da teologia*, 46.

²⁵ Metz, *Mística de olhos abertos*, 47.

De fato, é amplamente constatável na poesia de Chiziane uma consciência aguçada de que é preciso pôr fim, definitivamente, na relativização da autonomia africana em suas produções, sobretudo em matéria de fé e cultura. Trata-se de uma enérgica chamada de atenção aos seus conterrâneos para que assumam de uma vez por todas o lugar protagonista de suas histórias, posição vilipendiada pela cultura opressora-colonial:

Desperta! Lava os olhos no banho da liberdade
Busca as tuas pegadas nas frias cinzas da História
Regressar às raízes é isto: percorrer caminhos sinuosos
Até descobrir o teu brilho no espelho do mundo
[...]
A maior intenção da escravatura era esta
Reduzir-te. Animalizar-te. Diabolizar-te
O interesse do colonialismo, racismo, era este
Apagar-te para que nunca te levantes do chão
Reconheça-te, africano, nas religiões que dominam o mundo
[...]
Procura-te
À tua música chamam folclore e à arte, artesanato
Ao teu religioso, superstição e ao teu sagrado, diabólico
Tira as mordças com que te animalizaram. *Conhece-te*

Os colonos já foram mas deixaram capangas
Fiéis guardiões dos fantasmas do passado
Alguns capangas, negros sábios, sentados nas cátedras
Cortam as asas da alma e abortam o voo da liberdade.
*Identifica-os. Educa-os. Liberta-os.*²⁶

²⁶ Chiziane, *O canto dos escravizados*, 124-125, itálico nosso.

Este poema, desde o título («Liberta-te»), demonstra, na escolha dos verbos no imperativo, a intenção de Chiziane em promover esta revolução metodológica na forma do africano conceber a própria existência. Trata-se de um autêntico clamor por uma mudança epistêmica e antropológica, capaz de fazer sujeitos aqueles que foram animalizados pelos colonizadores, sendo colocados à margem de suas próprias histórias de vida.

Iluminam uma vez mais este diálogo, as valiosas contribuições de Villas Boas e Manzatto em um artigo acerca da religiosidade popular e da literatura como ferramentas privilegiadas de resistência diante das pretensões de muitos em uma hegemonia cultural. Afirmam eles:

Efetivamente há uma cultura que se pretende universal e que quer se sobrepor às outras de maneira até violenta, desconhecendo-as ou negando-as. Assim, temos uma espécie de pasteurização de gostos e preferências, expressa, por exemplo, nas músicas, nas vestes e na comida. Quer-se produzir também uma pasteurização de valores e comportamentos que não questionem a ordem dominante, mas que docilmente justifiquem a submissão aos dominadores de plantão como sendo o melhor que se pode esperar da vida. Percebe-se aqui como a cultura popular tem, então, força de subversão, e como a literatura e a religião ou teologia popular têm força de resistência. As narrativas populares, seus heróis e mitos, a poesia popular com sua estética específica, assim como seus comportamentos de religiosidade, valorizados, revelam uma outra forma de compreender o mundo e a vida, manifestando um conhecimento e uma sabedoria que, se não estão nos textos ou referenciais clássicos e eruditos, estão no concreto do existir cotidiano. Trata-se de uma sabedoria vital.²⁷

É nesse contexto de resistência que os poemas de Chiziane ganham também sua força libertadora. De fato, é amplamente constatável que sua

²⁷ Villas Boas e Manzatto, «Sabedoria popular», 8.

teopoética começa como grito de liberdade e termina como um hino de esperança. A título de exemplo, destaca-se aqui a íntegra de um pequeno poema intitulado «Amanhã», escolhido oportunamente para ocupar a parte final da coletânea:

O mundo gira constantemente e todos obedecemos
À eterna transformação. O dia de hoje será passado
O amanhã será presente. O pequeno cresce, o grande envelhece
Enquanto o homem morre há outro que nasce

Não inveja outro país pelas suas cidades e edifícios majestosos
Porque no matagal mais denso nascerá um palácio maior amanhã
Não inveja outras nações pela grandeza e riquezas que ostentam
A aldeia mais pobre na África de hoje pode ser a mais rica amanhã

As grandes civilizações humanas acabaram em decadência
Somos bilhões de almas africanas em todo o planeta
Se cada um empunhar as armas na revolução de amor
Poderemos construir a primeira civilização de paz amanhã.²⁸

É, portanto, nas sendas sombrias da História que Paulina Chiziane mergulha, para encontrar os meios para construção de uma África protagonista, de um povo assentado sobre suas próprias forças e capacidades de ressignificar o passado que lhes foi assaltado. É a manifestação misteriosa, sempre dinâmica e atual, do Deus-libertador no seio das vicissitudes da existência humana.

Considerações finais

Percorrer a inédita obra poética de Paulina Chiziane é comparável a mergulhar pela primeira vez em um rio: sabe-se onde entra, mas não se conhece o destino até que se tenha experimentado vivamente todo

²⁸ Chiziane, *O canto dos escravizados*, 145.

o trajeto. De fato, *O canto dos escravizados* é mais do que um convite à apreciação da literatura africana, mas um verdadeiro descortinar do Mistério em meio às experiências mais profundas de um povo e, porque não, de cada indivíduo.

Olhar para a obra de Chiziane como *locus theologicus*, isto é, buscar compreender sua literatura como fonte privilegiada da experiência teológica, não apenas se demonstrou possível, como inevitável. Certo de que o «Mistério nos ultrapassa como ultrapassa também nossa simples linguagem»²⁹, o leitor de Chiziane se depara em sua poesia com uma verdadeira imersão transcendental, tendo a realidade e a história do povo africano como guias. Sua mística pode ser facilmente lida na perspectiva de olhos abertos de Johann Baptist Metz, com o destaque de que a abertura dos olhos de Paulina é capaz de fazer abrir igualmente a consciência e existência do leitor.

A teopoética presente na obra de Chiziane demonstra-se como uma fonte inestimável aos leitores das tradições abraâmicas, particularmente os oriundos do cristianismo. Se Metz está correto, como supõe-se que esteja, ao afirmar que «a esperança cristã só é algo mais que a projeção e diferente dela quando também é considerada uma esperança para esses outros, e diante desses outros»³⁰, então a poesia de Chiziane é uma autêntica expressão da esperança cristã. Mais do que uma esperança em chave escatológica, trata-se de uma esperança reconciliadora, capaz de reestabelecer na facticidade da vida africana a manifestação misteriosa do Deus-Amor, que foi negligenciada e pervertida pelo colonialismo genocida dos últimos séculos.

Para Metz:

Só se pode falar do «meu» Deus em face do outro, do outro estranho, de todos os outros, tendo em vista que Deus só pode ser o «meu» Deus se eu puder rezar a ele também como a um Deus dos

²⁹ Villas Boas e Manzatto, «O Mistério que se faz Literatura», 8.

³⁰ Metz, *Mística de olhos abertos*, 62.

outros, de todos os outros que costume encontrar diariamente nesse universo de destinos, portanto também como o Deus dos fugitivos e decadentes, dos famintos e consumidos...³¹

Ao que, em chave dialógica, completa Chiziane:

Obrigado, Senhor, por nos tirar da escravatura
Hoje celebramos a liberdade com cantigas ao vento
Saímos vivos dos navios negreiros com a tua força
Espalhamo-nos pela América como estrelas do céu

Obrigado, Senhor, por nos eleger entre os condenados
Para ser o espelho da misericórdia divina
Mostrando que o poder de Deus transcende todas as fronteiras
Onde Deus quer, a vida nasce e floresce
[...]³²

É desta forma, portanto, que a pretensão de fazer dialogar a literatura africana decolonial com a mística de olhos abertos comprovou-se uma experiência tão fecunda quanto necessária. Paulina Chiziane e Johann Baptista Metz representam dois polos que distam pelos cenários e culturas, mas estão intimamente conectados quando se encara a beleza de um Deus que insiste em se revelar dinamicamente na pluralidade. Do chão da literatura, brota a teologia, assim como do seio da história dos escravizados, nasce a mística de uma esperança libertadora.

Bibliografia

Barcellos, José Carlos. «Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo.» *Numen*, vol. 3, n.º 2 (2000): 9-30.

³¹ Metz, *Mística de olhos abertos*, 63.

³² Chiziane, *O canto dos escravizados*, 89.

- Chenu, Marie-Dominique. «La littérature comme “lieu” de la théologie.» *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, n.º 53 (1969): 70-80
- Chiziane, Paulina. *Vozes e rostos femininos de Moçambique*. Organizado por Maria Geralda de Miranda e Carmen Lucia Tindó Secco. Curitiba: Editora Appris, 2013.
- Chiziane, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- Cunha, Carlos Aberto Motta, «Teologia decolonial e epistemologias do sul,» *Interações*, vol. 13, n.º 24 (2018): 306-333. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2018v13n24p306-333>
- Ferraz, Salma, Patrícia Leonor Martins, e Márcia Mendonça Alves Vieira. *Dicionário de personagens da obra de Paulina Chiziane*. São Paulo: Todas as Musas, 2019.
- Kuschel, Karl-Josef. *Os escritores e as Escrituras. Retratos teológico-literários*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- Lucas, Ester. *Teologia e literatura moçambicana: hermenêutica teológica da obra de Paulina Chiziane*. 2017. (Diss. doutoramento em Humanidades, Universidade Católica de Moçambique. Orientador: Alex Vicentim Villas Boas.)
- Metz, Johann Baptist. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.
- Passos, João Décio. *Teologia e outros saberes: uma introdução ao pensamento teológico*. 3.^a ed. São Paulo: Paulinas, 2015.
- Segundo, Juan Luis. *Libertação da teologia*. São Paulo: Ed. Loyola, 1978.
- Villas Boas, Alex. «Recuperar a Lógica Póetica da Revelação.» *Interações*, vol. 11, n.º 19 (2016): 61-86. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/p.1983-2478.2016v11n19p61>
- Villas Boas, Alex, e Antonio Manzatto. «O Mistério que se faz Literatura.» *Teoliterária*, vol. 6, n.º 12 (2016): 5-11. Disponível em: <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2016v6n12p5-11>
- Villas Boas, Alex, e Antonio Manzatto. «Sabedoria popular: literatura e religiosidade.» *Teoliterária*, vol. 7, n.º 13 (2017): 5-11. Disponível em: <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2017v7n13p5-11>

Artigo submetido a 03.04.2022 e aprovado a 29.04.2022.

